



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



MOBILIDADE INTERNACIONAL: CONTRIBUIÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA TRANSATLÂNTICA PARA A CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Geisa Carla Gonçalves Ferreira^[1]

Eixo Temático: 18 - Formação de Professores. Memória e Narrativas

RESUMO:

Este trabalho pretende apresentar os resultados de uma experiência de mobilidade internacional do curso de Pedagogia Licenciatura da modalidade presencial, ocorrida durante o primeiro semestre de 2013, na Universidade de Coimbra – Portugal. Na comunicação, trataremos sobre o percurso desempenhado até a mobilidade, assim como as atividades realizadas durante o período de fevereiro a julho deste ano. Enquanto resultados da experiência, elencamos o cruzamento de culturas, em perspectiva comparada, em detrimento da construção da formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Mobilidade Internacional. América Latina. Europa. Formação Docente.

RESUMÉN:

Este trabajo presenta los resultados de una experiencia de movilidad internacional de grado pedagogía de modalidad presencial, que se produjo durante el primer semestre del 2013, de la Universidad de Coimbra - Portugal. En la comunicación, tratará sobre el curso jugado a la movilidad, así como las actividades realizadas durante el período de febrero a julio de este año. Como resultado del experimento, se seleccionaron el cruce de culturas en una perspectiva comparativa, a expensas de la construcción de la formación del profesorado.

PALABRAS-CLAVE: Movilidad Internacional. América Latina. Europa. Formación del Profesorado.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho trataremos de apresentar uma experiência de mobilidade internacional do curso de Pedagogia Licenciatura da modalidade presencial, ocorrida entre o período de fevereiro a julho deste ano. Nossa instituição de origem trata-se da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) situada na região nordeste do Brasil, uma instituição cinquentenária e pioneira na educação superior do Estado de Alagoas, as origens do curso de Pedagogia remontam aos anos 50 (cinquenta), por meio da criação, da Faculdade de Filosofia de Alagoas (FFA). Fundada para suprir a carência de professores para o ensino secundário, a faculdade foi integrada à Universidade de Alagoas no início de 1961, ano do seu reconhecimento, atualmente o curso está hospedado no Centro de Educação da Universidade - CEDU. A instituição de acolhimento trata-se da Universidade de Coimbra (UC), mais antiga universidade portuguesa e uma das mais antigas da Europa com mais de 700 anos, atualmente concorre a patrimônio mundial da UNESCO.

O percurso que percorremos até a chegada a universidade europeia foi antecedido por um histórico

educacional afiliado a rede municipal e estadual de ensino de Alagoas, o ingresso na universidade que ocorreu no primeiro semestre do ano de 2010, foi mediado por um cursinho pré-vestibular da própria instituição². Com maior aptidão para as áreas de ciências humanas, escolhemos o curso de Pedagogia e iniciamos nossa primeira graduação.

Os últimos seis (6) períodos da graduação nos forneceram subsídios para o processo de concorrência para a mobilidade, nosso histórico dentro do curso revela envolvimento com o tripé universitário, desenvolvemos atividades desde as de grupos de estudos, passando por envolvimento com monitoria, ações de extensão e de iniciação científica.

Em junho do ano passado, surgiu o edital para o Programa de Bolsas Luso-Brasileiras Santander Universidades 03/2012 GR-ASI, para mobilidade internacional para as áreas de licenciatura, realizado em parceria do Santander com a Universidade Federal de Alagoas, realizamos a inscrição e ao final de agosto fomos encaminhados por meio da Coordenação do Curso a segunda fase do processo, agora gerida pela Assessoria de Intercâmbio, fomos submetidos à entrevista e logo em seguida foi divulgado o resultado geral que nos concebeu a bolsa de estudos para o primeiro semestre de 2013 em uma universidade portuguesa. Após isto, entre o período de setembro de 2012 a janeiro de 2013, providenciamos a documentação necessária para a chegada a nova universidade.

Em 12 de fevereiro de 2013, nós com juntamente com mais nove (9) licenciandos das áreas de Biologia, Sociologia, Filosofia, História, Geografia, Letras, Dança e Artes Cênicas e Educação Física, iniciamos nosso semestre letivo em solo europeu, na Universidade da Coimbra Portugal onde cursamos disciplinas na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – FPCE e na Faculdade de Letras – FLUC, éramos agora estudantes *Erasmus*⁴ na nova casa de ensino superior.

Este trabalho trata-se de um relato de experiência do período de mobilidade internacional nomeadamente desenvolvido durante o primeiro semestre de 2013 na Universidade de Coimbra de Portugal - UCPT. Apresentaremos aqui nossas atividades de intercambista durante o referido período, assim como uma análise munida da categoria de Representações Sociais, das impressões de 10 (dez) participantes do programa de mobilidade, a fim de compreender através de suas falas, aspectos que contribuem para esta mobilidade de projeção que a academia nos proporciona, e que refletem diretamente no nosso percurso formativo.

EXPERIÊNCIA TRANSATLÂNTICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: PERCURSOS FORMATIVOS

Ainda no Brasil, montamos nosso plano de estudos para o período de intercâmbio. Optamos por quatro disciplinas, sendo que três da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, nomeadamente Educação Comparada (5 ETC5), Educação e Meios de Comunicação (5 ETCS), Intervenção Socioeducativa com Crianças, Jovens e Famílias (5 ETC) e da Faculdade de Letras, optamos pela disciplina do curso de História Iniciação à Investigação Histórica.

A escolha por estas disciplinas se deu, a princípio em relação às cursadas na área de educação, por não tê-las disponíveis no formato do curso no Brasil, já em relação à disciplina da área de história, escolhemos por nossa pesquisa de iniciação científica ser neste campo do saber, e termos cursado apenas uma disciplina nesta área no primeiro semestre do curso.

FPCE – FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Este foi nosso órgão de acolhimento primeiro dentro na imensa Universidade de Coimbra - UC foi nele que nos apropriamos das discussões mais recorrentes sobre as ciências da educação, no contexto europeu. As disciplinas cursadas atenderam nossas expectativas, no que se refere à disseminação de elementos teórico-metodológicos para a nossa formação, mas sob uma nova ótica de recepção e apropriação de elementos por nos encontrarmos diante de um novo contexto sócio-cultural.

Educação Comparada, disciplina do primeiro ano. Possibilitou-nos uma retomada aos conhecimentos de Sociologia da Educação, História da Educação e inclusive acerca do sistema educativo português. Ao longo da unidade de curricular, realizamos trabalhos de revisão bibliográfica acerca dos principais estudiosos da área sendo a exemplo Jurgen Schriewer (1992), realizamos pequenos trabalhos relativos às matérias

tratada nas aulas que nos possibilitaram reflexão sobre os princípios, as orientações ideológicas, as condições educacionais, os pressupostos das práticas educativas. A disciplina de Educação Comparada nos permitiu o alargamento sobre fatos que pertencem à realidade educativa de modo a dar a esta uma compreensibilidade que a simples análise num só contexto não permite.

Educação e Meios de Comunicação, disciplina do terceiro ano. Dimensionou nosso olhar para a necessidade promoção da reflexão em torno das questões sociais e educativas que os *meios de comunicação nos* colocam, tendo em consideração a sua contínua evolução. Face às inovações constantes tradicionais e à consolidação da presença dos novos *meios* no nosso quotidiano. Nesta desenvolvemos uma ação de formação intitulada, Internet Segura: Prevenir Pais para Educar os filhos!, visando a concienização da família em face a mídia virtual. Por meio desta, habilitamo-nos a desenvolver uma atitude pessoal de autonomia crítica face à recepção das mensagens dos meios de comunicação, nos tornamos capazes de distinguir diferentes abordagens do campo de intersecção entre educação e meios de comunicação, nomeadamente a educação para, nos e com os *meios*, além de refletirmos sobre o impacto social e educativo dos *meios*.

Intervenção Socioeducativa com Crianças, Jovens e Famílias, disciplina do terceiro ano. Fomos convidados a enveredar sobre um horizonte ainda novo, esta nos apresentou modelos de intervenção socioeducativas baseados em evidência, descobrimos-os através de modelos americanos que são, pioneiros no desenvolvimento deste tipo intervenção socioeducativa. Durante a mesma traduzimos um modelo americano e o apresentamos como forma de intervenção socieducativa, optamos pelo Positive Action⁶. Os modelos de intervenção que tivemos conhecimento serviram para nos iluminar sobre este propenso horizonte de trabalho para o licenciado em educação como área emergente de atuação, o domínio sobre a caracterização, recomendação, seleção para avaliar de intervenções socioeducativas baseadas em evidência para crianças, jovens e famílias. O modelo teórico destas é de enquadramento é o bioecológico, segundo a teoria de Bronfenbrenner (1994).

FLUC – FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Iniciação à Investigação Histórica, disciplina do primeiro ano. Primeira disciplina que cursamos que originária de outra graduação, nos permitiu um olhar diferente sobre a prática educativa, ao passo que das exposições didáticas emergiam conteúdos sobre as noções operatórias da investigação histórica, surgiam novas demonstrações das aptidões do professor de ciências humanas para a difícil tarefa que envolver o interesse dos alunos da educação básica em história.

"[...] Na medida em que os documentos existem, será preciso assenhorearmo-nos deles. E aqui intervirá de novo a personalidade do historiador, suas qualidades de espírito, sua formação técnica, seu engenho, sua cultura. Retoquemos, para completar o esboço: o grande historiador não será somente o que souber colocar os problemas, mas aquele que ao mesmo tempo, souber elaborar melhor um programa prático de pesquisas permitindo encontrar, fazer surgir os documentos mais numerosos, os mais seguros, os mais reveladores. [...] Para começar a *heurística* é uma arte no sentido mais antigo, *ars, tekhnè*, que comporta regras, instrumentos, modos de trabalhar tradicionais. Ninguém se improvisa historiador [...]. Muitas vezes, a existência de documentação só se revela no dia em que um historiador, que é o primeiro a interessar-se por esse problema, a reclama, a procura [...]" (MARROU, 1976, p. 68-71).

A adoção desta consciência sob o sentido histórico, nos permitiu redimensionar nossa relação com a educação e a própria história. Além dos estudos bibliográficos e dos debates, nos submetemos a dois exames obrigatórios de aferição dos conhecimentos. Abstraímos dela a capacidade de visualizar os tempo que vivemos enquanto resultado da construção histórico-social que nos antecedeu, não somos seres num universo vazio, somos produto de um constructo social e carecemos identificar este se almejarmos desbravar a sociedade que vivemos.

CONTRIBUIÇÕES DA EXPERIÊNCIA DE MOBILIDADE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: PELA OPTICA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Objetivando-se a levantar elucidacões acerca das contribuicões da experiēncia de mobilidade acadēmica internacional, entre as perspectivas de 10 (dez) alunos intercambistas que desenvolvem esta experiēncia no mesmo perıodo que o nosso, no āmbito da Universidade de Coimbra – Portugal. Levamos em consideraçāo a forma de como suas impressões se delinearam acerca deste movimento formativo e como posteriormente eles visualizam sua formaçāo apός esta prātica, tentamos fazer ressalvas acerca das representaçōes sociais dos mesmos, tendo em vista a maneira como ē articulado o constructo de concepçōes dos mesmos sobre o delineamento de sua formaçāo enquanto docentes.

Diversos fatores foram levantados entre os quais sobre o processo inerente de utilizaçāo de conteúdos e prāticas no novo contexto acadēmico, alēm da constante formaçāo propiciada pela constante interlocuçāo de prāticas culturais, sociais, acadēmicas e relativamente ao humano como um ser plural munido e construıdo de uma sērie de formas de *educaçōes*, alēm disso, ē importantıssimo discutir tambēm sob a maneira como os alunos intercambistas que passaram por um perıodo de formaçāo atıptica dentro de suas trajetórias acadēmicas visualizam os saberes articulados a sua futura prātica docente, mais do que medir o nıvel de aplicabilidade dos aspectos teóricos que por nός foi apropriado, trata-se de compreender a maneira como o saber cientıfico se aplicará a realidade pátria destes formandos. De fato o diálogo entre o movimento acadēmico em que nos estudantes em graduaçāo vivemos com a realidade da mobilidade internacional, ē o maior objetivo desta análice. Abordaremos aqui concepçōes diversas sobre como esta experiēncia se configurou para esta leva de docentes.

Para a realizaçāo desta análice nos utilizamos de um aporte teórico fundamental para a elucidacão dos dados coletados por meio das entrevistas com o grupo participante, autores como Manzotti (1994), Serbena (2002). Foi destes autores que adotamos a definiçāo de *Representaçōes Sociais*

Sāo associadas ao imaginário quando a ênfase recai sobre o caráter simbólico da atividade representativa de sujeitos que partilham da mesma condiçāo ou experiēncia social: eles exprimem em suas representaçōes o sentido que dāo a sua experiēncia no mundo social, servindo-se de sistemas de cōdigos fornecidos pela sociedade e projetando valores e aspiraçōes sociais. (JODELET 1990, apud MANZZOTTI, 1994, p. 62).

A partir desta consulta bibliogrāfica, elucidamos aspectos concernentes à construçāo de nosso instrumento de análice, nesta pesquisa nos utilizamos da entrevista em meio digital [optamos por esta modalidade pelo fato de, proporcionar maior liberdade de escrita aos entrevistados, e alēm de ser uma maneira palpável de acesso aos mesmos], com os 10 (dez) intercambistas, inferimos dos mesmos individualmente a seguinte questāo: ***Quais as principais motivaçōes e consequentes contribuicões da experiēncia de mobilidade internacional, para sua formaçāo enquanto docente?***

Partindo desta premissa comum a todos dos entrevistados recebemos respostas, relativas à: *"Conhecer a experiēncia educacional de outras culturas enriquece e fornece quantitativamente e qualitativamente uma gama de assuntos, os quais através da vivēncia na mobilidade nos faz conhecer de perto. As motivaçōes vāo desde a questāo familiar até a financeira, num possıvel retorno futuro. Conhecer, experienciar, retornar e por em prātica, esse deve ser o percurso como forma de contribuicão para uma prātica educacional nāo-estática, móvel, como as aulas devem ser"* (SANTOS, S. 2013).

Aspectos que denotam a devolutiva da satisfaçāo e enriquecimento formativo sāo os primeiros a surtir das respostas, a transnacionalizaçāo que a experiēncia proporciona estā em evidēncia na medida em que como havıamos relacionado anteriormente ē decisivamente um motor funcional para a formaçāo dos sujeitos, ao passo que somos constituıdos de formas de *educaçōes*. Essa forma de educar, que advēm das *educaçōes* anseia por um novo horizonte para os rumos da configuraçāo social em que vivemos, e nō só brasileira, pois alēm de nossas reflexões, os debates que tēm se instaurado nos diversos espaços da opiniāo pública (BRANDÃO, 2006). A cultura livresca e academicista foco principal dos programas de mobilidade fazem parte de apenas um nicho do constructo que nos inserimos. Nesta fala ē possıvel perceber que um aspecto que assola os intercambistas estā diretamente relacionado à forma de progressāo acadēmica do intercāmbio, como modo de projeçāo na carreira para o futuro, muito embora a capacidade de crescimento intelectual e acadēmico seja aqui tambēm referenciada, o retorno econômico nō se dissipa deste contexto. A possibilidade de egresso a carreira docente acrescida de contributos para a prātica educacional referencia um dos aspectos de *plus* a formaçāo docente. *"O que me motivou foi à sede de novos*

conhecimentos culturais e científicos. E as contribuições que tive para a minha docência até o momento, são novas experiências, concordando ou não, de métodos de ensino, de avaliação e de interdisciplinaridade, tanto no meu curso de Biologia quanto na Universidade como um todo". (NEVES, W. 2013).

Nesta fala encontramos o que entendemos por unanimidade no universo da mobilidade acadêmica, seja ela em esfera nacional ou internacional, somos condicionados a premissa que o fato de sairmos do nosso lócus de convívio já por si só nos trará novos conhecimentos. É fatídico que isto evidentemente ocorre, Teichler (2004) fala que aprender e pesquisar em outros países é: "Uma das formas mais eficientes de se adquirir conhecimento, ter perspectivas mais complexas, pensar comparativamente, expandir horizontes, refletir melhor sobre os temas estudados, e causa avanços de formas inesperadas: quando se pesquisa no país de origem, há grande previsibilidade de fatos, já pesquisar em terras forâneas pode provocar surpresas (mesmo que esta sejam limitadas)". (TEICHLER, 2004, p. 10-11).

Nesse sentido, pesquisar fora de seu país de origem é simultaneamente positivo e negativo. O que se resgata desta experiência de modo positivo e bastante acentuado são as contribuições elencadas pelo entrevistado, da apropriação de elementos interdisciplinares que remontam para uma visão de exploração gradual da nova realidade.

Outra estudante intercambista, contribuiu para nossa análise elencando as seguintes questões acerca da mobilidade para sua formação docente

"A realização de mobilidade internacional se faz muito importante para a formação docente, pois dão oportunidade de se vivenciar novas culturas, adquirir novos conhecimentos, principalmente por proporcionar contato com diversas culturas. Essa experiência vai me ajudar a planejar aulas e ministrar de forma a fazer com que os alunos queiram aprender, pois através da disciplina que fiz sobre práticas de ensino e investigação, foi possível aprender didáticas que são importantes para uma aprendizagem prazerosa. Aprender como são as aulas no ensino fundamental em Portugal, também é importante para refletir a educação em um contexto local e global. As aprendizagens adquiridas nas demais disciplinas irão ajudar na prática docente no sentido de conhecimentos diferenciados dos que são aprendidos no país de origem, pois os conteúdos trabalhados são diferentes, a forma abordada é diferente, o que nos leva a uma ampliação maior dos conhecimentos existentes na área de estudo. O contato com outros países é de extrema importância, pois trabalhar a geografia a partir de exemplos vividos ajuda na ampliação do conhecimento geográfico, pois vivenciar as culturas, o vivido com as pessoas de outros lugares, ir aos lugares que são trabalhados nos livros didáticos é de uma grande contribuição para a troca de informações e experiência com os meus futuros alunos."(VIEIRA, R. 2013).

O componente cultural é aqui referenciado como um determinante positivo na experiência de mobilidade configura-se enquanto fator primordial para as primeiras impressões dos alunos em mobilidade acerca da experiência que vivenciam durante o processo. A premissa da troca de conhecimentos interculturais como fator de promoção a melhoria das metodologias didáticas surge para este intercambista como um elemento não apenas de reprodução das práticas, mas sim como por ele citado como "*ampliação maior dos conhecimentos existentes na área de estudo*". (VIEIRA, R. 2013). Retomamos este fala da intercambista pelo fato de a mesma lançar luzes para descoberta de novos conhecimentos advindos de outro contexto cultural, na perspectiva de novos horizontes a trilhar junto à carreira docente e não apenas como práticas acabadas que devem ser reproduzidas em outros contextos; na medida em que nos apropriamos de elementos que contribuem para nossa formação não estamos diante de um universo de "receitas mágicas", utilizamo-nos do acréscimo científico e cultural que somos emersos cotidianamente e atribuímos a nossos percursos formativos os elementos que elencamos como pertinentes.

A contribuição da intercambista da fala abaixo remontou em nós outra via acerca da experiência de mobilidade acadêmica internacional, pelo fato de refletir sobre aspectos políticos e estruturais deste movimento formativo para o quadro da docência no Brasil: "*Primeiro, em saber que meu interesse em licenciatura seja passível de bolsas para o exterior, que existe o investimento específico para nossa formação como professores fora do Brasil, embora eu acredite que isso tem uma faceta negativa, que é a falta de investimentos em formação local de qualidade para professores*". (PIMENTA, P. 2013).

A estrutura educacional brasileira tem se configurado por muitos fatores nomeadamente os estruturais como financiamento. manutenção. apoio assistencial. políticas públicas entre outros. acrescida do impasse

entre os movimentos de base do quadro docente tanto no segmento básico como no superior, enquanto sucateada e deficitária. A fala da entrevistada pondera categoricamente para este contexto emblemático de apoio a formação docente que vivenciamos *"APENAS internacionalizar a licenciatura não resolve, a qualidade interna da nossa formação de mestres merece mais investimentos"*. (PIMENTA, P. 2013). Somos embebidos pela lógica que a internacionalização da formação dos licenciados das universidades brasileiras irá por si só, surtir efeitos categóricos ao quadro educacional brasileiro, certamente que o acréscimo de capital cultural e científico enaltece de modo determinante o percurso formativo dos mesmos, no entanto somos nós alunos de mobilidade de certa maneira vitimizados por nutrir expectativas acerca dos benefícios que traremos aos sistemas de ensino a partir do investimento recebido a nossa formação. Não se trata aqui de minimizar a responsabilidade que temos ao regressar a nosso país, mas sim de chamar atenção para que além das políticas de formação aos licenciandos brasileiros, aflora também a necessidade de políticas de formação docente que contemplem as necessidades locais. Nossa entrevistada discute ainda sobre as contribuições elencando que

"Acredito que a tolerância, a convivência com outros povos e de poder contar para meus alunos que eu, aluna cotista de escola pública e negra, saí das mesmas condições que eles, e que pretendo lutar para que eles, como eu, sejam regra e não exceção. NÓS temos que ser muitos aqui no exterior, para inverter essa lógica de exclusão na educação. Pude conhecer aqui na Europa, local do meu intercâmbio, locais que me deram capital cultural que eu nunca poderei mensurar com precisão o quanto me acrescentou, mas em resumo, terei um relato de sucesso de uma profissão tão desacreditada de que eu quis, estudei, e que o caminho é difícil, mas que volto ao Brasil levando bons exemplos e práticas para que a próxima geração tenha menos dificuldades do que a minha". (PIMENTA, P. 2013).

O percurso social como o relacionado na fala acima nos proporciona uma análise mais consubstanciada acerca do "novo" perfil dos estudantes em mobilidade internacional, se em outrora apenas as famílias de classe abastada podiam enviar seus filhos para realizar estudos fora do país, atualmente a disseminação do acesso ao ensino superior no Brasil munida da crescente oferta de programas de mobilidade tem contribuído para que estudantes de perfis historicamente definidos como socialmente vulneráveis do tipo, *"aluna cotista de escola pública e negra"*, possam em igualdade de condições trilharem horizontes formativos internacionais. Nossa entrevistada sinaliza também para o fato regressar ao Brasil com bons exemplos sobre a experiência é também um fator de ajuda aos futuros intercambistas.

A última fala que escolhemos para compor este texto nos trouxe reflexão sobre o que este movimento formativo representa para a construção da nossa própria identidade. Pensemos na fala deste intercambista: *"O fato de estarmos distantes de nossos lares e costumes faz com que se crie um processo interno de questionamento da própria identidade, não como negação dela, pelo menos no meu caso, mas como forma de entender o que de fato é meu, o que poderia ser e o que não quero para mim, pois os meses aqui permitem uma maior afirmação, um maior otimismo e valorização dos pontos positivos que lá existe"*. (SILVA, B. 2013).

Fora de nossa cultura mãe, aquela que nos ensinou nossos costumes e valores e a que aprendemos a respeitar e a nos confrontar e até mesmo a negar em situações de desagrado aos escândalos políticos ideológicos presente no Brasil, passamos por um movimento de via dupla, na primeira fase o deslumbre com o novo continente nos faz por vezes lançar olhares negativos e de repúdio a nosso país de origem e na segunda fase uma vez conscientes das problemáticas sociais que tangem todos os continentes e com o diálogo estabelecido com os nativos do nosso novo contexto social passa-se a visualizar com esmero e carinho os fatores [não apenas os de ordem negativa] que compõem o espírito patriota, passamos então a sentir um misto de sentimentos que vão desde os de indignação até os que despertam aceitação e estima por aquilo que consideramos nossa pátria.

Quanto às motivações nosso entrevistado acentua que

"O que me motivou estar nesse processo foi o desejo de conhecer o que seria aparentemente e financeiramente tão distante. Era poder confrontar e estar diante das coisas como elas são e não como dizem que é. Vim para a mobilidade querendo perceber como funcionava uma das mais antigas universidades do mundo e perceber como funcionavam suas relações estruturais, sociais e pedagógicas. Junto com esse desejo venho dentro de mim a possibilidade de conhecer novas pessoas, novas culturas e

a forma de se expressar artisticamente do povo europeu. Confesso que seu modo de fazer arte foi o que mais me atraiu desde o início. Como consequência queria o risco, o perigo, o estar só do outro lado do oceano e poder ter que resolver sozinho meus problemas mais íntimos, grandes ou pequenos. Para a minha formação e para minha futura profissão como professor de teatro esses seis meses serão inesquecíveis e terão consequências para o resto da minha vida. Confesso que a universidade não será minha melhor lembrança, mas na minha sala de aula vai estar no meu olhar, no meu sorriso e no meu corpo toda uma entrelinha de otimismo, de acreditar que somos bons em muitas coisas, que podemos ser melhores, que o mundo é de todos nós e que meus alunos e alunas poderão ter o mundo para viver suas experiências e que estes poderão voltar e reconstruir a realidade ao seu redor e mesmo que estes não cheguem a viver uma experiência como esta, viverão onde estiverem a cada momento que não negarem que existem problemas ao redor, mas que só a nossa travessia pelo desconhecido pode trazer as soluções que estão bem próximas da gente e que as vezes não enxergamos. Levo para a minha sala de aula a certeza que acredito no Brasil, que sou feliz por ser brasileiro, que existe muita coisa ruim por lá, mas e daí até na endeusada Europa tem coisa ruim, eu vi. Que o Brasil é nossa casa, que o mundo é nossa casa, que nossas raízes estão brotando em todo lugar, que o Brasil abraça o mundo todo e o mundo tem um pouco de Brasil. Vou dizer que o mundo é bonito, que a arte é uma linguagem que nos toca em qualquer lugar do mundo, em qualquer língua e que a felicidade está em todo canto, nas praças medievais e nas escadarias dos morros da comunidade.” (SILVA, B. 2013).

O desejo de galgar formação docente numa das universidades mais antigas do mundo, mais os limites financeiros que esta experiência possui para todos nós estudantes bolsistas de mobilidade, são não apenas para este estudante [mas pelas falas que analisei, assim como pelas vezes que estivemos em contato com estudantes brasileiros também em mobilidade], acreditamos que reforça um dos desejos motrizes para unanimidade de intercambistas em terras lusitanas. No entanto a fala deste intercambista enseja um aspecto de ordem sintomática sobre a nova universidade e sobre o continente europeu [endeusado] como um todo. Apesar do forte capital cultural que nos apropriamos estivemos também em contato com aspectos não somente positivos e benéficos oriundos da nova realidade regressaremos para “casa” como novos indivíduos, mas novos de todas as ordens, novos sujeitos políticos e críticos, novos sujeitos discentes e docentes, munidos de novas identidades acrescidas de capital cultural, sobretudo novos sujeitos que aprenderam com a experiência de formação docente internacional a dimensionar os aspectos emblemáticos de sua nação por um ótica de superação, não será apenas a travessia transatlântica que nos proporcionará subsídios para uma atuação consciente frente as nossas salas de aula, mas sim a capacidade cosmopolita que introjetamos a nossa própria identidade de dimensionar novas possibilidades para qualquer etapa da vida.

Para Romêo (2003, p. 41), a ciência é um aspecto muito importante na vida humana, assim a cooperação e entendimento entre professores, cientistas e alunos que objetivam promover um mundo pacífico é imprescindível. Universidades sempre foram instituições internacionais e devem ser palco de diálogo internacional. Tentaremos a partir de a nossa experiência levar as nossas instituições de origem esse sentimento de disseminação da formação transnacional. Esperamos acima de tudo contar ao mundo que a travessia transatlântica nos trouxe formação sim, mas não só academicista, mas formação para a vida!

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Além das contribuições já mencionadas acerca das experiências formativas, gostaria aqui de elencar o quão fascinante foi esta experiência transatlântica de construção de conhecimento, não existem medidas quantitativas que denotem o crescimento ético, profissional e cultural que por nós foi embebido ao longo do período de intercâmbio. Certamente ao longo de nossos percursos sociais docentes resquílios benéficos surgirão.

O acesso a conhecimento se faz na América do Sul, na Europa ou no Ásia, no entanto o que se pretende com a experiência de mobilidade é não apenas a formação de conhecimento científico, os aspectos transnacionais presentes desde o processo de seleção para a mobilidade até a chegada a instituição de acolhimento denota em nós graduandos um acréscimo de valores socioculturais muito mais significativo do que tudo o que construímos enquanto estudantes estrangeiros num país europeu.

Toda a gama de relações diplomáticas que passamos a conhecer, todo o contentamento que passamos a desenvolver por nos tornamos cidadãos do mundo e o que consideramos mais determinante de todo este movimento formativo sem dúvida é, aprendemos a conviver num novo contexto dimensionando todas as problemáticas presentes no mesmo e no nosso contexto social de origem e mesmo assim acreditamos que não se trata de verificar ambos contextos e determinar de modo cartesiano o que de deve reproduzir em um ou em outro, o que um ou outro tem de superior, aprendemos como a retirar de contextos díspares elementos de ação e transformação para nossas futuras salas de aula, aprendemos acima de tudo a ver o mundo com o olhar de eternos aprendizes!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANSTON, G.;STAFFORD, R. **The media students' book**. London: Routledge, 2003.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Editorial Presença: Lisboa, 1972.

BRONFENBRENNER, U. **Nature–Nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model**. *Psychological: Review*, 1994.

Conselho da Europa: Towards a Council of Europe Strategy for the Rights of the Child 2012-2015.

MANZZOTTI, Alda Judith Alves. **Representações sociais:** aspectos teóricos e aplicações á educação. **Em aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

MARROU, I. H. **Do conhecimento histórico**. Aster: Lisboa, 1976.

PIMENTA, P. **Relato sobre a Mobilidade Internacional**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

POTTER, W. J. **Media Literacy**. California: Sage Publications, 1998.

ROMEO, José Raymundo Martins. **Higher Education in Latin America**. Higher Education in Europe. v. 28, n. 1, p. 41-49. April, 2003.

SANTOS, S. **Relato sobre a Mobilidade Internacional**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

SILVA, B. **Relato sobre a Mobilidade Internacional**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

SOLANO, W. **Relato sobre a Mobilidade Internacional**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

TEICHLER, Ulrich. **The Changing debate on Internationalization of higher education**. Higher education, n. 48, p. 5-46, 2004.

VIEIRA, R. **Relato sobre a Mobilidade Internacional**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.

[1]NOTAS

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Integrante do Grupo de Pesquisa Sobre Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira / **(GEPE - CEDU - UFAL)**; Integrante do Grupo de Pesquisa Caminhos da Educação em Alagoas / **(CEA - CEDU - UFAL)** - geisacarla2420@gmail.com.

2 Pré – Vestibular Comunitário Conexões de Saberes - UFAL.

3 **Protocolo Erasmus, Acção Erasmus** ou ainda **Programa Erasmus** é um programa de apoio interuniversitário de mobilidade de estudantes e docentes do Ensino Superior entre estados membros da União Europeia (UE).

4 Sistema Europeu de Transferência de Créditos, o acumulo destes créditos é que garante o cumprimento da graduação.

⁵ Vide <http://www.positiveaction.net/>. Para maiores informações sobre a proposta de intervenção.